

O BURRO MALFADADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez um pobre homem que andava de terra em terra, a vender azeite. Quem lhe carregava as bilhas era um burro cinzento, que o homem trazia pela arreata.

Um dia, um malandrim viu o homem entrar numa venda. O burro, à porta, preso a uma argola de parede, tentou-o.

"Vou roubá-lo", pensou o finório. "Mas, para que o azeiteiro não faça escarcéu e não chame a guarda, tenho uma ideia..."

Desprendeu o burro e foi escondê-lo atrás dumas moitas. Depois enfiou ele próprio a cabeça do burro e amarrou-se à argola. Quando o homem voltou e viu a surpresa que o esperava, esbugalhou os olhos, sem nada entender. Explicou-se o espertalhão:

– Saiba o senhor que eu tinha sido fadado por uma bruxa, mas acabo de provar uma ervinha milagrosa que me desfadou. Deixei de ser burro. Voltei a ser pessoa. Desculpe o transtorno.

O azeiteiro nem sabia o que dizer:

– Se eu cuidasse que era gente, nunca lhe tinha batido com a chibata, mas queira desculpar-me. A verdade é que o senhor... o senhor burro... ou o que era, às vezes caprichava nas birras e eu perdia a cabeça... Não me leve a mal.

O outro condescendeu e o caso ficou por ali.

No dia seguinte, o azeiteiro, dizendo mal da sua vida, foi à feira comprar outro burro. E o que é que ele havia de encontrar? O burro, que o ladrão também tinha levado à feira, para vender. Assim que viu o azeiteiro, o malandrim escapuliu-se.

Então, o bom do azeiteiro, puxando o burro pela arreata, disse-lhe ao ouvido:

– Afinal, ó infeliz, tiveste uma recaída, foi? Desgraçada moléstia que a bruxa te pegou! Não te arreceies. Anda para casa, que tens palha nova. Assim como assim, vou ter mais cuidado com o que tu comes...

FIM